

# ORIXÁS

---

Cleidi Marília Caivano Pedroso de Albuquerque

O glamour das imagens dos orixás em revistas (e também na internet) sempre me despertou desconfiança (e até mesmo repulsa). Figuras que manipulam o lado exótico e sensacionalista da cultura africana através de uma estética simplista e de com ares machistas. Tentei resolver este meu mal-estar criando outras imagens dos orixás. São pinturas sobre papel que representam Nanã Buruku, Oxumare, Oxalá, Exu, Iemanjá, Obaluaê, Xangô, Oxum, Ossaim, Oxossi. A seguir, apresento algumas ideias sobre os orixás, convencida de seu valor dentro do patrimônio imaterial do Brasil.

## **QUEM SÃO OS ORIXÁS?**

Listas de orixás com seus tipos psicológicos costumam ser encontradas em jornais, revistas, em sites. Fazem parte da nossa cultura urbana; mulheres que se dizem filhas de Iansãs raivosas ou Oxuns sensuais, ao mesmo tempo se horrorizam por uma filha estar namorando um “negro”. A popularização dos orixás não significa a diminuição do preconceito e, em geral, não leva em conta as tradições religiosas afrodescendentes, vivenciadas por inúmeros sacerdotes iniciados, seguidores e pesquisadas intensamente no meio acadêmico.

É impossível abranger todo o universo de vivências e estudos sobre os orixás. A seguir seguem algumas anotações de minhas leituras que não tem nenhuma pretensão de excluir outras versões.

“Os orixás são os intermediários entre Olodumaré e os seres humanos e receberam, por delegação, alguns de seus poderes.” Assim recitam os babalaôs de Ifá.

Na África ocidental, a religiosidade desenvolveu-se ao longo dos séculos incluindo os cultos de orixás. São incontáveis as variações locais e temporais que coexistem nestes sistemas de mitos, cultos, ritos e suas relações com a sociedade desta região. O orixá de maneira geral, seria um ancestral divinizado que representa as forças que explicam a natureza e organizam a vida humana. O orixá é um ancestral humano que realizou feitos excepcionais e foi assim transformado num ser divinizado por Oludimaré (ou Olorum), o ser superior. Por seus feitos no mundo, este ancestral especial, tornou-se digno de poderes de controle sobre forças da natureza (como trovão, vento, águas doces ou salgadas) ou de domínio de habilidades humanas (caça, trabalho com metais, cura com folhas). O poder (axé) de cada orixá se manifestaria em seus “filhos” em transe de possessão para ajudar a resolver os problemas das comunidades e das pessoas.

Como dizem os babalaôs, Oludumare é o deus supremo “distante inacessível e indiferente às preces e ao destino dos homens. Está fora do alcance da compreensão humana”. Oludumare não é objeto de nenhum culto. Ele se ocupa a tratar dos conflitos entre os orixás e não das questões humanas que foram delegadas aos orixás. Os orixás foram criados por Oludamaré para cuidar do equilíbrio do universo. É para eles que os homens devem rezar e a eles que devem cultuar.

Diferente dos santos católicos, os orixás não têm aparência humana. São uma força (axé) imaterial, manifestação de um ancestral de uma grande família que inclui os vivos e os mortos. Nos seus cultos, voltam a ficar entre os homens, dançam entre seus seguidores integrando o sagrado e o profano. O que causa estranheza aos seguidores de religiões monoteístas (cristianismo, islamismo, judaísmo).

Na África os orixás seriam os antepassados de uma cidade ou a um país inteiro. Estavam diretamente relacionados com os chefes poderosos, muitas vezes grandes comerciantes e assim garantiam a coesão da dinastia e protegiam os súditos. Nas pequenas aldeias os rituais eram conduzidos pelos sacerdotes, possibilitando a continuidade da vida social do grupo (Verger, 1997, p.32).

Há muitas variações locais nos cultos dos orixás. Alguns ocupam uma posição dominante em alguns lugares, mas não são encontrados em outros locais. “A posição de todos estes orixás é profundamente dependente da história da cidade onde figuram como protetores”. Os orixás migraram dentro da África levados em várias direções pelos seus adeptos (Verger, 1997 p.33).

O tráfico de escravos para as Américas desmantelou cidades, aldeias, famílias. Assim os orixás deixaram de ser protetores coletivos tomando um caráter individual. No candomblé do Brasil, cada casa reúne muitos orixás pessoais reunidos ao redor do orixá do terreiro. Esta realidade mostra o efeito dispersador que o tráfico teve sobre os cultos que eram coletivos e na diáspora se tornaram particulares.

Ainda hoje, a palavra “orixá” é lida nos dicionários como sendo da língua iorubá. A definição induz a se pensar numa etnia ou uma nação “iorubá.” Mas a historiografia mostra que a realidade é mais complicada. Em 1825 o distrito de Oió (na atual Nigéria) era chamado pelos árabes e pelos povos hauçá de “Yarriba” que se transformou em “iorubá”. Deve-se a Samuel Ajayi Crowter a generalização deste termo a outros povos da região. Ele era um nativo de Oxugum (localizado nas proximidades de Oió), que viveu na Inglaterra e tornou-se bispo anglicano. Em 1852 ele escreveu “Vocabulário iorubá”, sua própria língua. A Bíblia foi traduzida para o iorubá como ferramenta principal para evangelização missionária (no caso do anglicanismo). Mas a língua “iorubá” não representava uma unidade étnica ou sócio-política. Havia na região vários povos com línguas semelhantes, mas que competiam entre si politicamente. A identidade iorubá feria orgulhos locais, criava desconfianças e mesmo desprezo entre os povos Egbá, Ifé, Ijebu, Ijexá etc. Então, no decorrer do século XIX, em Lagos e cidades do sudeste da

Nigéria, a pressão cultural cristã e inglesa tornou caótica a situação dos povos locais. Para enfrentar a situação foi criada uma unidade que deu identidade para os povos da região: a “nação iorubá”. Esta unidade fictícia incluía o idioma iorubá e seus “dialetos”, uma origem comum em Ile Ifé, um herói ancestral, Odudua. Os bardos, poetas e intelectuais dos reinos, se encarregaram nos últimos cem anos de ir dando forma a “Nação lorubá” juntando mitos e histórias de cada povo numa “tradição” unificada. Assim os interesses e conveniências dos chefes e linhagens puderam manter seu mando convivendo com o poder dos colonizadores. (Verger, 1997, pg. 11-12; Silva, 2011, p.690). Foi assim que surgiu um reino fictício que nunca acabou com as diferenças e mesmo disputas entre os ijexás, ondos, ifoniis, quetos, arroris, egbas, egbados, ibolas, ijebus, elajas etc, que continuaram chamando-se como sempre pelos seus nomes antigos. A criação da ‘Nação lorubá” é um modelo típico que ilustra o conceito “invenção da tradição” de Hobsbawn, como sugere Silva (idem). Assim a palavra orixá é definida como sendo um vocábulo de uma língua e uma tradição fictícia “ioruba”. Mas é comum ainda, tanto no discurso dos povos da região como em estudos e literatura de divulgação sobre o assunto.

## **BRASIL**

Já no século XVI negros “bantu” influenciaram a língua portuguesa na Bahia. No século XIX chegam africanos escravizados daomeanos (jeje) e “iorubás”, cujos rituais parecem ter servido de modelo para aqueles africanos bantu que já estavam na Bahia. (Verger, 1997, p. 23).

Os portugueses tiveram que arranjar-se com as culturas indígenas nativas e as dos escravos africanos para legitimar a colonização. A fé católica, base ideológica da dominação portuguesa no Brasil, não foi aceita e praticada como esperavam os colonizadores. Os escravos índios e africanos viviam de acordo com suas crenças culturais. Desde o século XVI, há notícias esparsas de estrangeiros que registraram perseguições e castigos a cultos negros. Entre o século XVI e XVIII o Santo Ofício (inquisição) visitou o Brasil três vezes e

punindo feitiçaria. Estas fontes registram rituais religiosos de escravos africanos (acocundá, lundu e mandingas) já em 1500. No século XVIII em Paracatu, sertão de Minas Gerais é perseguido e desmantelado o Acocundá ou Dança de Tunda, dedicada deus da nação Courá. Na periferia de Salvador havia o calundu e em Recife são relatadas reuniões rituais de escravos africanos na cidade e no meio rural (Vainfas; Souza, 2002, p. 22).

Nas periferias das cidades coloniais as danças dos tambores, os transes, rituais organizados por sacerdotes, festas de calendário, curas de doenças e oráculos ameaçavam a sociedade católica. Mas as denúncias e perseguições muitas vezes não levaram a punições. No século XVII o jesuíta Antonil aconselhava aos senhores de escravos que tivessem tolerância com os folguedos, bailes e reis negros dos seus escravos, que permitissem dança, canto para eles que não ficassem melancólicos e deixassem de trabalhar. Alguns senhores de escravos chegavam a esconder “negros feiticeiros” das autoridades para não perder o escravo. Na época da colônia, os cultos de origem africana foram frequentados também por mestiços, brancos até padres da baixa hierarquia da igreja. O povo recorria aos “feiticeiros”, benzedeiros, adivinhos e a “bolsas de mandinga” para curar doenças, prever futuro político, “amarrar” amantes, ou mesmo livrar-se de dívidas.

Em outro âmbito do Brasil colonial, a cultura dos escravos estava razoavelmente integrada na vida social. A igreja da Contra Reforma abusou da festa barroca para afirmar o estado português no Brasil. Grandes festas oficiais que incluíam o sagrado, o oficial e o popular.

Estas cerimônias incluíam missa, procissão, decoração da cidade e casas, touradas, cavalhadas, congadas, óperas e danças, trajes e alegorias, abusando de efeitos visuais, com pompa e luxo, foguetes, carros alegóricos, arautos, bandeiras e estandartes com imagem do santo, elevação do mastro, espelhos, brilhos... Nesta festança as tensões sociais diminuía com exibicionismos de brancos e negros com espaço para a chula, o coco, a dança de roda e os congos. Com esta permissão, puderam os escravos africanos manifestar suas crenças durante as festas e conseguiram continuar e transformar suas tradições (Vainfas; Souza, 2002, p. 58-59). Entre as “danças

dramáticas” (como definiu Mario de Andrade, 1982) dos escravos nas festas oficiais, destacava-se a do “Rei do Congo”. Dança dramática significativa seja pela antiguidade seja por dar origem ao Maracatu que empolga a juventude ainda hoje, até em Florianópolis. Tinhorão ao analisar o Rei do Congo acompanha sua história desde o século XVI. Esclarece que esta dança dramática se originou de um fato histórico. Em sua diplomacia colonial, Portugal aliou-se a um chefe do reino do Congo (de língua bantu). Portugal influenciou este reino africano transformando-o numa realeza de moldes portugueses incluindo o batismo do rei e vários súditos. Com esta estratégia, Portugal conquistou espaço político conquistando espaço nesta região de influência islâmica. Esta artimanha diplomática, facilitou a escravização dos “súditos” do reino “amigo” do Congo. Deste fato surgiu uma dança que incluía a coroação do rei do Congo com todas as cerimônias de pompa e atos de diplomacia. Com o tempo foi chamada de congadas, congos entre outros nomes. Uma “dança dramática” presente nas festas barrocas de norte a sul do Brasil. A participação das congadas nas festas oficiais, escondia o significado das glórias dos reis, antepassados dos escravos. E eles eram vistos como meros dançarinos para divertimento da sociedade oficial.

No século XIX foram recriadas no Brasil as religiões afro-brasileiras conhecidas como culto dos orixás. Até então, a maioria dos africanos escravizados eram de territórios de línguas bantu. Com a intensificação do tráfico de escravos, as cidades coloniais recebem estes africanos de outras regiões com outra língua chamada genericamente de sudanesa e suas outras heranças culturais, políticas e religiosas.

Em 1826, nos arredores de Salvador surgem as primeiras referências ao candomblé, casa de refúgio de negros e mulatos onde se cultuavam deuses. Aí sudaneses invocavam orixás (Xangô, Oxum, Iansã) em festas com cantos, danças, tambores, ganzás e agogôs e sacrifícios de animais, rituais de cura, culto aos ancestrais, vínculos comunitários. Na mesma época os sudaneses de etnia jeje cultuam os voduns em São Luis do Maranhão (Farias; Gomes; Soares; Araujo, 2006, p. 124 - 125). Com o fim da monarquia colonial, no fim do século, a república laica não se mostrou mais tolerante que a monarquia

colonial com a religiosidade dos orixás. A perseguição policial se intensificou contra os terreiros. Os sons barulhentos dos tambores horrorizavam a boa sociedade e as casas de culto foram invadidas, os “feiticeiros” castigados e presos junto com seus objetos rituais que se amontoaram nas delegacias de polícia.

No século XX, é nos depósitos desordenados destas delegacias que o intelectual Mario de Andrade vai encontrar, no Brasil inteiro, os objetos de culto dos orixás. É este o material que forma as coleções da cultura afro-brasileira em grandes museus brasileiros.

Mesmo com toda esta repressão violenta, a cultura dos orixás não desapareceu, não ficou só nas prateleiras dos museus. Até hoje, em pleno século XXI, os orixás continuam dançando no Brasil inteiro. Como em toda a história brasileira, a cultura dos orixás continua sendo praticada pela população afrodescendente, mas também pelos descendentes de europeus e até asiáticos.

O complexo sistema religioso dos orixás tem sido estudado por pesquisadores do mundo inteiro pela riqueza de suas implicações históricas, sociais, políticas, teológicas, artísticas e mesmo pragmáticas. Entre tantos trabalhos acadêmicos, *Mitologia dos Orixás* de Reginaldo Prandi é como “As Mil e uma Noites” da mitologia dos orixás. Reúne 301 mitos de orixás numa pesquisa que durou uma década, em fontes brasileiras e estrangeiras.

Esta fabulosa coleção de mitos, a semelhança de outras tantas mitologias, indica a busca humana para decifrar e lidar com os enigmas da Vida, a condição humana com suas virtudes e precariedades encontrando nas narrativas um alento para melhor viver. Como no livro do Levítico do Velho Testamento, os mitos dos orixás tratam de fixar princípios para ordenar o caos natural e humano: ensinam o que comer, o que vestir, com quem casar, como honrar os deuses, como ter auxílio divino para conquistar poderes, dominar outros reinos, como garantir a continuidade da comunidade, e também quais cuidados rituais são necessários para garantir o equilíbrio da Vida.

Os mitos dos orixás não são codificados linearmente, mas em estórias que contam sobre aventuras e desventuras dos deuses na terra e no outro

lado. Com estes contos aprende-se sobre a generosidade dos deuses que distribuíram muitas dádivas: céu, estrelas, nuvem, arco-íris, terra, água, fogo, ferro, peixes, animais de caça e vegetais que alimentam e curam. Os mitos esclarecem que os deuses doaram a agricultura para acabar com a fome; o ferro e sua transformação em instrumentos para arar a terra e assim produzir mais grãos, como construir armas de guerra mais eficientes; como construir casas e palácios. Nos mitos aparecem também as estratégias para equilibrar a comunidade, como expandir o território e como enfrentar os conflitos entre reinos vizinhos ou longínquos. Também ensinam o poder da magia oculta para lidar com as incertezas do clima, as doenças, a perseguição política, as guerras, a morte. As narrativas mostram a vida familiar dos deuses sem negar suas dificuldades: constroem famílias, trocam de parceiros, tem filhos e descendência. E são protagonistas de dramas amorosos em que não faltam traições, trapaças, intrigas, seduções, quebras de tabus.

A partir da leitura dos mitos, de Prandi (2001) selecionei alguns temas que se repetem nos mitos desta coleção. Os temas escolhidos são: criação da natureza, magia, heróis civilizadores, política e relações sociais.

## **CRIAÇÃO DA NATUREZA**

Como todas as culturas, deuses criam os seres da natureza e os mitos mostram o encantamento dos humanos diante de seres do universo assim como seus perigos.

“Orinxalá/Oxalá cria a Terra, separa o Céu da Terra, cria o homem, Icu (a Morte), cria a galinha-d’angola e espanta a Morte; Nanã fornece a lama para a modelagem do homem; Iemanjá ajuda Olodumare na criação do mundo; Iemanjá dá a luz as estrelas, as nuvens e os orixás; Iemanjá salva o Sol de extinguir-se; Orianã traz Oquê, a Montanha, do fundo do mar; Oiá/Iansã cria o rio dum pedaço de pano preto; Iansã foge ligeiro e transforma-se no vento; Oiá /Iansã sopra a forja de Ogum e cria o vento e a tempestade; Olocum acolhe todos os rios e torna-se rainha das águas; Oxumarê desenha o arco-

íris para estancar a chuva; Euá transforma-se na névoa; Sapatá se esquece de trazer água para a Terra”.

## MAGIA

A condição humana é frágil, sempre ameaçada pela destruição por doenças e pela morte. Forças sobrenaturais protegem os humanos dos perigos. Saber entrar em contato com estas forças invisíveis é fundamental para a continuidade da vida e da sociedade.

“Oxum Navezuarina cega seus raptos; Oxum leva ebó ao Orum e salva a Terra da seca; Omolu cura todos da peste; Obaluaê tem feridas transformadas em pipoca por Iansã; Ossaim recusa-se a cortar ervas miraculosas; Orunmilá é escondido de seus perseguidores por uma aranha”.

A possibilidade de seres humanos transformarem-se em animais, vegetais ou mesmo seres inanimados, está baseada na ideia de que todos seres do universo são formados de uma mesma substância. Isto permite que também os seres humanos tenham a capacidade de transmutar-se em qualquer ser e vice-versa. Com este poder conseguem realizar feitos excepcionais ou proteger-se. Este é um dos princípios do xamanismo, crença espalhada por todo o mundo, por todos os tempos. Os contos de fadas ocidentais também incluem a magia xamânica. Entre os mitos dos orixás encontramos vários exemplos de transformação:

“Oiá transforma-se num elefante; Oiá transforma-se no rio Níger;; Oiá transforma-se num búfalo; Oxum é transformada em pavão e abutre; Oxum transforma-se em pombo; Oxum mata o caçador e transforma-se num peixe; Oxumarê transforma-se em cobra para escapar de Xangô; Oiá transforma-se em coral; Euá transforma-se numa fonte e sacia a sede dos filhos”.

Também faz parte do sistema xamânico o despedaçamento do corpo e sua reconstituição (morte e renascimento, divisão e união) com fins rituais:

“Oiá é dividida em nove partes; Obatlá/Oxalá provoca a inveja e é feito em mil pedaços; Obaluaê morre e é ressuscitado a pedido de Oxum”.

A feitiçaria seria o mau uso da magia, uma transgressão que merece castigo. Bruxas e feiticeiros são também mal vistos na África o que mostra o mito:

“Orixá Ocô julga os praticantes de feitiçaria”.

O sistema de crenças implica em cumprir devotadamente normas estritas. O não cumprimento dos preceitos rituais é objeto punição:

“Iroco engole a devota que não cumpre a interdição sexual; Exu vingasse por causa de ebó feito com displicência”.

## HERÓIS CIVILIZADORES

Heróis civilizadores trazem para os homens os bens culturais que melhoram a vida. Nos mitos pesquisados destaca-se o orixá Ogum como herói civilizador por ser o doador do ferro e da agricultura. Com o ferro forjado puderam ser construídas ferramentas agrícolas que aumentaram a quantidade de alimentos. Também fabricar armas de guerra que possibilitaram a conquista de bens e a dominação de braços para o trabalho ou para enriquecer o reino através da cobrança taxas dos povos dominados:

“Ogum dá aos homens o segredo do ferro, cria a forja, faz instrumentos agrícolas; Nanã, a origem da vida, proíbe instrumentos de metal no seu culto; Ogum ensina aos homens as artes da agricultura; Orixá Ocô cria a agricultura com ajuda de Ogum; Orunmilá dá o alimento à humanidade”.

Mesmo com o crescimento da agricultura, o acesso a proteínas foi sempre conseguido pela caça de animais e ser um bom caçador sempre teve muito prestígio:

“Oxossi aprende com Ogum a arte da caça”.

Ogum inunda os homens de dádivas, mas outros orixás complementam sua obra de civilizatória: domínio do fogo, criação do pilão para preparar o alimento básico feito com os grãos cultivados, ensino da arquitetura. E é entregue aos homens o controle do destino através da adivinhação.

“Xangô ensina ao homem como fazer fogo para cozinhar; Oxaguiã Aguiã inventa o pilão; Ajagunã (que não gosta de ver ninguém parado) é o mestre da

arquitetura: destrói palácios um atrás do outro para o povo trabalhar; e assim torna o povo excelente construtor de casas. Exu leva aos homens o oráculo de Ifá”.

## **POLÍTICA**

Estes mitos refletem experiências históricas da política da região onde existem reinos (mini-estados) com base comercial e chefias com poderes divinos. Mostram as disputas entre chefias e guerras por territórios: sobriedade e exagero, ordenação da sociedade, táticas e estratégias, riscos e erros.

“Ogum torna-se rei do Irê; Odé ganha de Orunmilé a cidade de Queto; Oxossi é feito rei de Queto por Oxum; Obaluaê conquista o Daomé; Xangô é escolhido rei de Oió; Xangô torna-se rei de Cossô; Xangô conquista a terra dos malês; Ogum recusa a coroa de Ifé; Sapatá torna-se rei das terras dos jeje; Oxumarê usurpa a coroa de sua mãe Nanã; Exu põe fogo na casa e vira rei; Oxumarê usurpa a coroa de sua mãe Nanã; Xangô seduz o povo e usurpa o trono de Ogum; Orixá Ocô é expulso de seu reino”.

Os mitos também narram ações e estratégias políticas:

“Oquê salva seus súditos dos invasores; Orianã é invocado para salvar sua cidade e mata seus súditos; Xangô foge de seus inimigos vestido de mulher; Xangô incendeia sua cidade acidentalmente; Xangô conquista Iansã na guerra contra Ogum; Ajafunã instaura o reino da discórdia e promove o progresso; Oxum faz ebó e mata os invasores de seu reino; Xangô é destronado e torna-se um orixá”.

## **RELAÇÕES SOCIAIS**

A ordem social é sempre buscada, mas coexiste com a desordem social: casamentos não excluem as brigas e transgressões nas relações familiares.

Família: Como entre os deuses do Olimpo da mitologia grega, orixás formam casais divinos, tem filhos e também praticam o incesto e o homossexualismo:

“Orunmilá desposa a filha de Olocum; Oxaguiã encontra lemanjá e lhe dá um filho; Obá é possuída por Ogum”.

“Oxum é concebida por lemanjá e Orunmilá; Logum Edé nasce de Oxum e Erinlé; Orianã nasce negro e branco e tem dois pais”.

“Xangô seduz mãe adotiva; lemanjá é violentada pelo filho e dá à luz os orixás; lemanjá trai o marido Ogum com Aié; Ogum trai o pai e deita-se com a mãe; Euá casa-se com seu irmão Oxumarê; lemanjá seduz seu filho Xangô”.

“Logum Edé (homem) é possuído por Oxossi; Oxum seduz Iansã”.

Também os orixás vivem conflitos (briga, intriga, agressão, roubo, trapaça, traição) com escravos, esposos, mulheres disputam o marido.

“Orunmilá trava longa contenda com seu escravo Ossaim; Exu instaura o conflito entre lemanjá, Oiá e Oxum; Oxum difama Oxalá e ele a faz rica para se livrar dela; lemanjá joga búzios na ausência de Orunmilá; lemanjá finge-se de morta para enganar Ogum; lemanjá afoga seus amantes no mar; Ossaim é mutilado por Orunmilá; Euá é presa no formigueiro por Omolu; Logum Edé rouba segredos de Oxalá; Oxum deita-se com Exu para aprender o jogo de búzio; Obá corta a orelha induzida por Oxum”.

A generosidade também está presente.

“Ossaim dá uma folha para cada orixá; Omolu ganha as pérolas de lemanjá, Otim (mulher) aprende a caçar com Oxossi; Oxaguiã manda libertar o amigo preso injustamente”.

## A LÓGICA MITOLÓGICA

Ao observar as narrativas dos mitos dos orixás, lidamos com uma lógica não linear, convivemos com ambiguidades, incoerências. Notamos isto claramente, por exemplo, em superposições de nomes para um mesmo orixá e em que um mesmo poder é atribuído a vários orixás.

Há vários exemplos de superposições de nomes em alguns orixás: Exu, Legba, Eleguá, Bará; Oxossi, Odé; Obaluaê, Omulu, Xapanã, Sapatá; Oiá, Iansã; Orunmilá, Ifá; Oxaguiã, Ajagunã; Oxalá, Obatalá, Orinxalá, Oxalufã. Alguns orixás são cultuados em quase em amplas regiões. Orixalá também

chamado Obatalá, deus criador no território iorubo na Nigéria, abrange o vizinho Daomé (etnia fon ou jeje) que aí se chama Lisa. Orixás diferentes têm os mesmos poderes: o senhor do trovão chama-se Xangô em Oió, Oranfê em Ifé, Aira em Savé; guerreiros e caçadores chamam-se Ijá em Oió, Oxossi em Keto, Ore em Ifé, Logunedé, Ibualamo, Erinlé na região de Ijexá; orixá curandeiro é Ossaim entre os Oió, e chama-se Eliseje em Ifé.

Ao lado dos nomes que se superpõe, também a mais de um orixá é atribuída uma mesma honraria: Onilé ganha o governo da terra, Orinmilá recebe o título do Senhor do Mundo, Xapanã é proclamado o senhor da Terra.

Assim pode haver diferentes denominações para a mesma divindade ou o mesmo poder ser atribuído a vários orixás. Estas confusas superposições, porém, podem rapidamente ser explicadas pelas inúmeras migrações de populações da antiga Nigéria, um dos lugares mais povoados da África. Do centro de onde partiram, os povos levaram seus orixás que foram adotados e mesmo adaptados para outros lugares recebendo novos nomes conforme a língua do local chegado. Este é o caso de Exu Legbara: entre os fon do ex-Daomé, recebeu o nome de Legba.

Mas ainda no Brasil e na Nigéria são dados vários nomes, na mesma língua, para o mesmo orixá. Oxalá chama-se Oxaguiã como jovem e Oxalufã como velho; Oiá /lansã de Igbalé é ligada ao culto dos mortos; mas há outras lansã. Na Bahia há doze Xangôs e sete Oguns. Sobre Oxum, Verger (1997, p. 174-175) registra esta “ladainha” africana para ela:

Oxum Yèyéde Odo – a próxima de nascentes de rios

Oxum Ijumú- a rainha das Oxuns e ligada às bruxas Yami-Ajé

Oxum Ayalá- a avó que foi mulher de Ogum

Oxum Osogbo- a que ajuda nos partos

Oxum Àpara – a mais jovem

Oxum Abalu – a mais velha

Oxum Ajagira – a velha e brigona

Oxum Oloko- a que vive na floresta

[Etc]

Se olharmos para crenças do catolicismo popular, encontraremos o mesmo processo de lógica de desdobramento. Maria, mãe de Jesus recebe inumeráveis nomes e funções. Uma mesma Nossa Senhora que se pode ser N. S. da Conceição, a que concebeu sem pecado, afirmando o dogma da castidade, ao mesmo tempo que tem função política por ter sido a padroeira da monarquia portuguesa. Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, Nossa Senhora de Guadalupe, de Lourdes, de Fátima entre outras, são a mesma Maria cultuada como divindade local. A mesma Maria tem o atributo de protetora de perigos: N.S. da Saúde, N.S. do Parto, N.S. da Cabeça... Etc. Uma mesma entidade santificada com nomes diferentes, com diferentes atributos, cultuada em diferentes lugares. Processo de pensamento semelhante da mitologia dos orixás. O que se pensar sobre isto? Rastreado a história pode-se observar que origem desta ideia teriam sido crenças da antiguidade pagã, ainda presentes no cristianismo primitivo. Nestas crenças um mesmo deus tinha função de proteger vários reinos, mas sendo chamado localmente por nomes diferentes (Zeus e Jupiter, por exemplo). O mesmo que ocorre com os orixás na África ocidental. Assim Maria, a poderosa mãe de Jesus, é invocada protetora de lugares no mundo católico inteiro e recebe muitos nomes. Uma crença que contradiz a doutrina unitária e racional do catolicismo desenvolvida nas idades Média e Moderna. Tão forte é a aceitação da antiga crença da validade do desdobramento de uma entidade poderosa em várias que Maria coincide com inúmeras Nossas Senhoras dentro do catolicismo, ainda hoje. Uma contradição com o princípio católico de unidade, mas que é aceito entre seus dogmas oficiais.

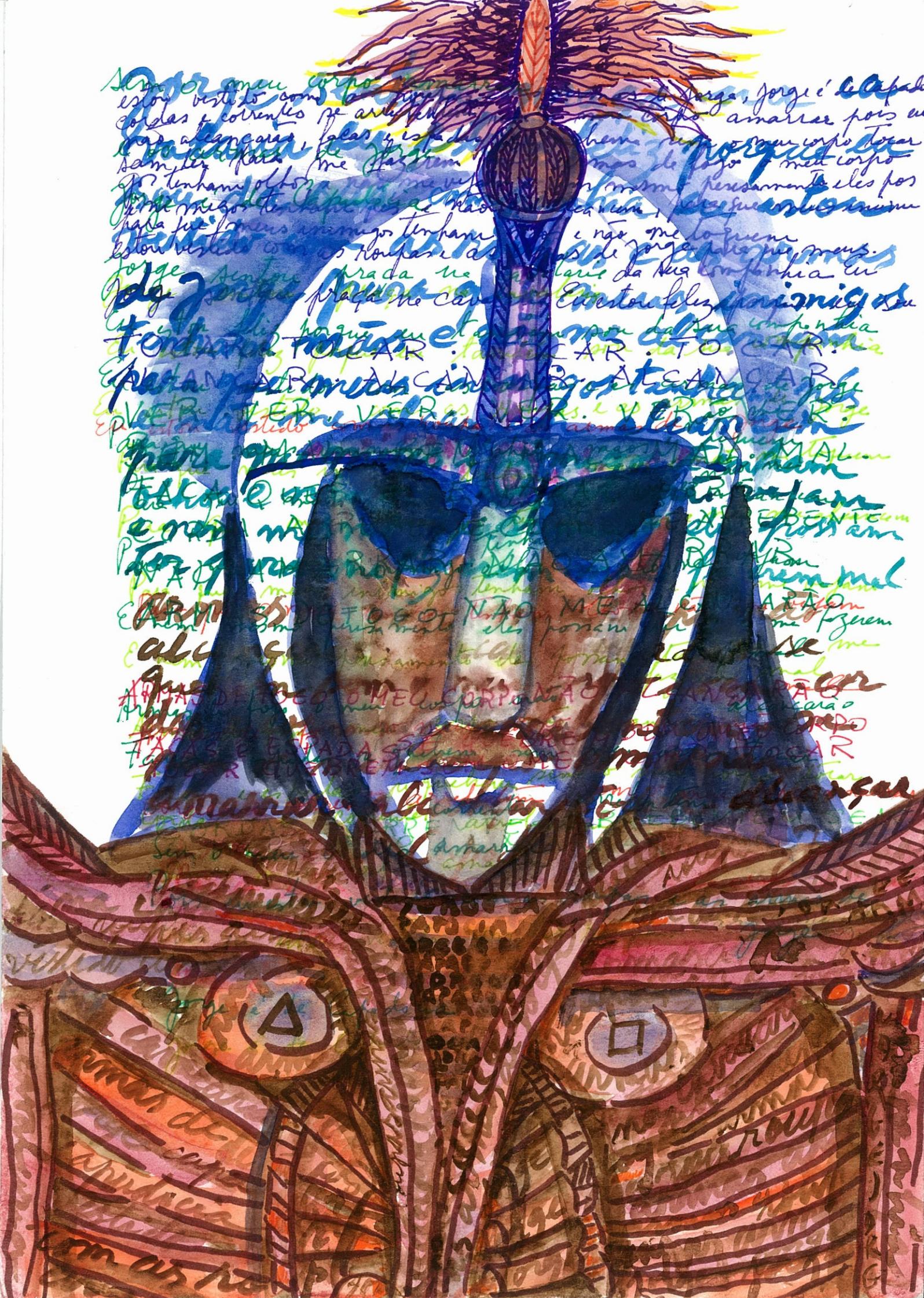
Os orixás conseguem nos horrorizar com sua lógica estranha. Mas continuam atraentes talvez por representarem mundos conhecidos que foram esquecidos, mas que deles sentimos a falta. Ou mundos paralelos que nos fazem falta para viver mais amplamente nossa condição humana.

NOTA: As aquarelas que seguem, têm todos os direitos reservados a autora Cleidi Albuquerque.











Obale

A TOTO

A TOTO

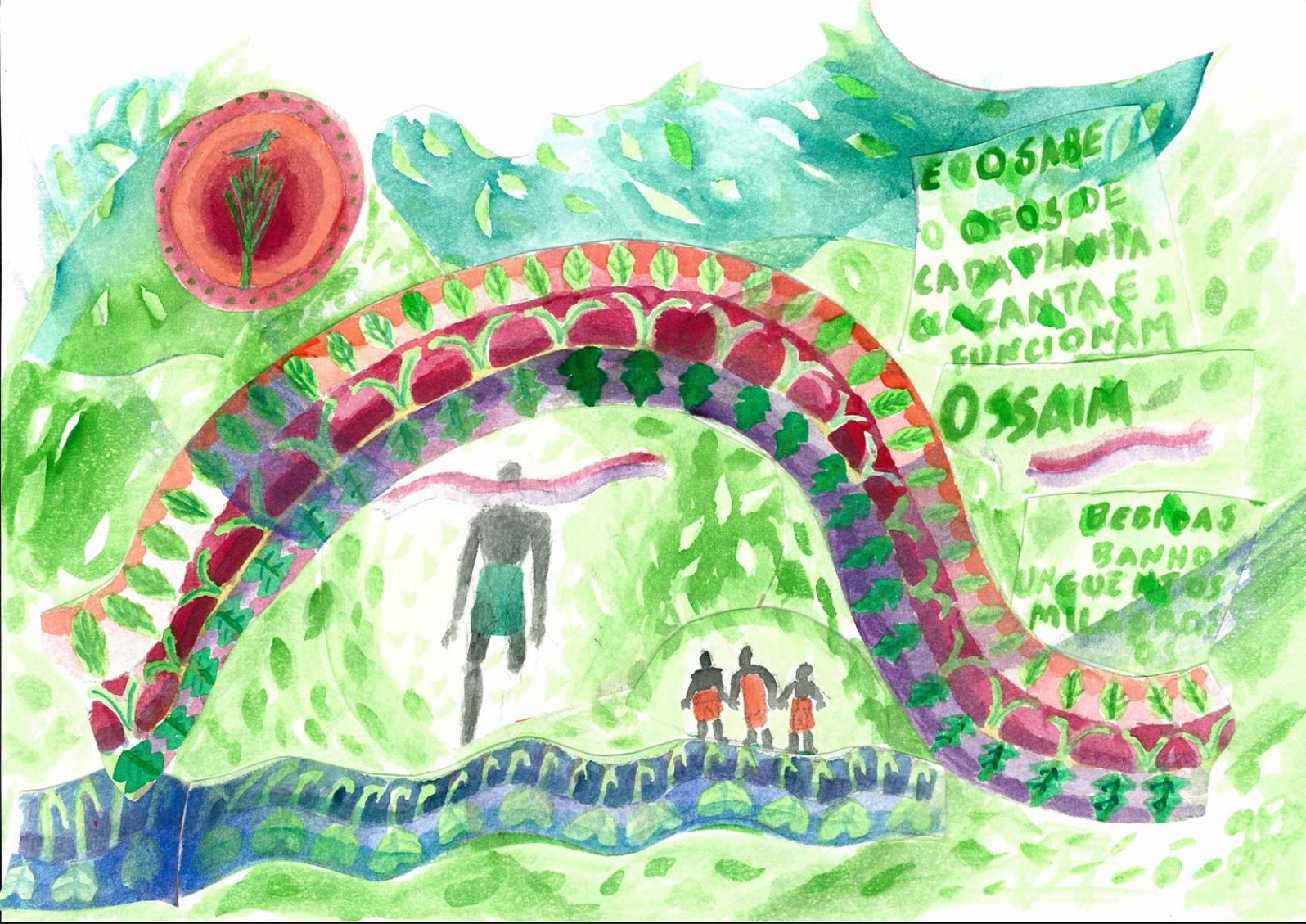
Ibadan

Guas flechas de dawa 2012



Laroié Esu! Baba!

esta homenagem ao corpo pra... de todos os... Alô! Voduun de Jô! Alô! Bone Glade... Saravá! ou Trance Rêu, abraçamos carinhos!



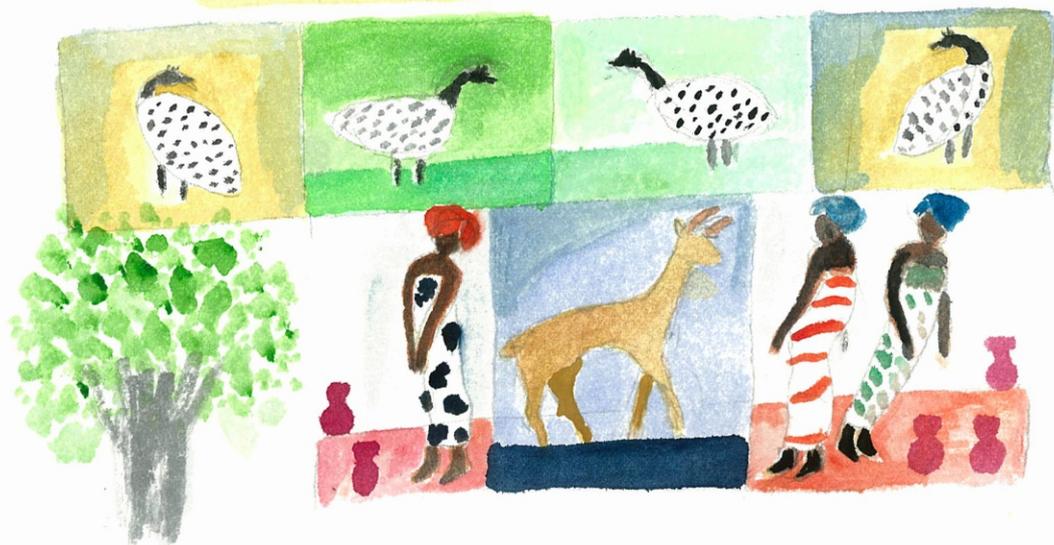


Oxossi aprende com Ogum  
a arte da caça.

Santou-se com o iambô e o  
protetor. Sempre que houve  
a necessidade ele via no  
seu encontro. Então Ogum  
ensinou Oxossi a caçar,  
abrir caminhos na floresta,  
matas e covas.  
Oxossi aprendeu  
com o iambô a nobreza  
ante da caça, do  
cuidado com sua  
gente. Oxossi  
é o provedor.



Cleidi  
2011







Oxumare do tempo no céu  
Cleidi 2019



## Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Mario. **As Danças Dramáticas do Brasil**. São Paulo Itatiaia/Instituto Nacional do Livro/ Fundação Nacional Pró-Memória, 1982
- FARIAS, Juliana Barreto; Gomes, Flavio dos Santos; Soares, Carlos Eugenio Líbano; Araujo, Carlos Eduardo Moreira de. **Cidades Negras. Africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX**. 2.ed. São Paulo: Alameda, 2006.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SILVA, Alberto Costa e. **A enxada e a Lança**. A África antes dos portugueses. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- TINHORÃO, José Ramos. **Rei do Congo. A mentira que virou folclore**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- VAINFAS, Ronaldo; Souza, Juliana Beatriz de. **Brasil de todos os Santos**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2002.
- VERGER, Pierre. **Orixás. Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador: Corrupio, 1997.